BAIÃO DE DOIDO

BAIÃO DE DOIDO

ABDIAS CASTRO

Capa – Edições Castro

Diagramação – Abdias Castro

Todos os direitos reservados Copyright©2020, de Abdias Castro e Edições Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Castro, Abdias

Baião de doido/Abdias Castro. – 1. Ed. – Amazon – 2020

1.Ficção 2. Romance 3. Título

"A psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é a loucura que detém a verdade da psicologia."

Michel Foucault

PRÓLOGO

O calor escaldante do mês de setembro de 1943, no árido Nordeste brasileiro nunca foi tão abrasivo quanto o que acometia os irmãos Cagaita naquela tarde. Eles eram homens acostumados à quentura intensa da areia na sola esturricada dos pés. Tinham saído de casa ainda no escuro no propósito de cercar os caititus que estavam acabando com os legumes da roça. Deviam ser pelo menos uns vinte que estavam de carreiro fundo nas vazantes da Varjota. Seu Mané Chiquinha pagava vinte cruzeiros por cabeça. "Quatro caititus abatidos já dariam oitenta cruzeiros pra pagar a quitanda do Pedro Cordeiro antes que ele mandasse cobrar na porta".

Os irmãos Cagaita corriam, cada um por um lado, tangendo os cachorros pra cima dos bichos. Os cães latiam num alvoroço dos diabos fazendo a agonia daquela enfusca ainda mais acirrada.

— Augusto! – gritava o homem da direita com uma espingarda bate bucha numa mão e um facão Corneta vinte polegadas na outra –, cerca por lá! Por lá por baixo! Vão descer, não deixa!

A poeira levantou quando o caititu espremeu um dos cachorros contra um cupim, cravando suas enormes presas debaixo do sovaco dianteiro do cão. Raimundo, o mais velho dos Cagaita estava a uns trinta metros de distância, mas não conseguia mira boa para acudir o valoroso cão de caça. O sopapo que o porco selvagem deu lançou o cachorro há dois metros de altura com esguicho de sangue. Aquele podia até escapar, mas não prestava mais para o mato.

— Acode o pobre do cachorro abestado! – Gritava Augusto da parte de cima –, vai deixar matar mesmo?

— Não tem como atirar, tem muito cachorro em cima! Vem pra cá!

Augusto finalmente alcançou um carreiro que lhe permitiu correr mais rapidamente até onde o irmão estava. Chegou a ponto de ver o magote de porcos riscar no carreiro a pouco mais de quinze metros de onde ele estava. O grupo de animais desceu em sua direção rosnando como demônios, batendo os dentes num barulho aterrador. Ele ficou no meio do caminho como quem decide morrer sem lutar.

— Sai do meio Augusto! Tu vais morrer!

— Morro não, tenho corpo fechado!

A meio metro de ser pisoteado pelos bichos ferozes, Augusto deu um salto para fora do carreiro, enquanto seu irmão fechava os olhos para não ver a bagaceira.

Os animais seguiram rosnando e trincando as presas na direção do vão onde os Cagaita queriam aprisioná-los. Era um estreito rochoso sem saída, um lugar ideal para prender os bichos e matá-los a tiro. Os homens comemoraram o sucesso da empreitada. A primeira fase era chegar ao local, a segunda era encontrar o magote e a terceira era levá-la ao buraco sem saída.

Ficaram por um pouco sentados esperando os ajudantes chegarem, dois "mocós" que seu Mané Chiquinha arrumou pra dar trabalho pra eles. Uns cabras moles e medrosos.

— Cadê as mucuras de seu Mané? – Será que os caititus comeram? Heeeei!

Logo, os dois rapazes chegaram ao grotão.

— Cadê o cachorro? – perguntou Augusto de um salto.

— Morreu!

— Ah caititus dos infernos! Vou matar tudinho!

Augusto livrou-se da cartucheira e do facão e olhando para o irmão:

— Chama os cachorros! Vou sapecar fogo no rabo desses bichos.

— Faz isso não, homem, vai queimar a chapada toda.

— Queima não! O chão aqui fora tá aceirado, olha!

— Rapaz, tô avisando que isso não vai dar certo.

— Sai do meio, homem! O serviço é meu. Chame os cachorros!

Ao assobio do caçador experiente todos os cães se apresentaram em poucos minutos à entrada do vão. Augusto adentrou uns cem metros acompanhado dos outros homens e com uma palha de carnaúba em chamas começou a atear fogo no mato seco do grotão. O fogo logo se espalhou alimentado pelo vento.

Augusto observava com grande expectativa as línguas de fogo descendo o desfiladeiro. Ouvia-se o piado do mato como um choro tristonho.

— Cuidado aí que eles podem tentar sair. Não é pra sair nem um, vão pagar caro pelo meu cachorro!

Nuvens de fumaça negra saiam do grotão enquanto Augusto enfiava-se ainda mais para o fundo em busca do sabor da vingança. Queria ver com seus próprios olhos a agonia dos bichos.

— Augusto, saia daí homem! Fogo é traiçoeiro.

Mas Augusto insistia para que eles também viessem mais para dentro daquela estreita garganta rochosa. O barulho era assustador lá dentro, e quando eles decidiram voltar, perceberam que fagulhas do fogo tinham sido lançadas pelo vento e pelos tufões de fumaça sobre o capim da beira do buraco.

— Augusto, tem fogo lá fora. Tem fogo lá em riba! Saia daí!

Correndo em direção à afunilada saída os homens se viram mergulhados em bolsões de fumaça. As chamas lá fora haviam começado antes do que imaginavam e já queimava a alguns metros de distância da entrada. Augusto olhou para o interior da grota antes de subir por uma pedra agarrando-se numa rama de mucunã.

— Augusto, sai daí! Ei vocês, apaguem esse fogo ai! – disse acenando para os rapazes que já haviam alcançado a saída.

No interior da grota o barulho ensurdecedor anunciava que o fogo estava cada vez mais perto. Augusto vinha pulando de pedra em pedra com a mão espalmada sobre o nariz e a boca. Não havia condições de sair por onde entrou, pois, a restrita passagem estava tomada pelo fogo vindo da parte de fora.

— Vem pra cá Augusto, aqui! – gritou Raimundo ao irmão.

— Aí não dá! Tem muito fogo. Vou sair aqui nessa brecha do lajeiro.

Ele olhou para o alto onde existia uma estreita rachadura na pedra, havia muito mato seco e palhas de carnaúba. Desceu escorregando o corpo até alcançar a pedra rachada. De um salto subiu para alcançar a fenda e espremendo-se pelo vão aperreado conseguiu passar o tronco para fora. Avistou os rapazes lutando contra o fogo da entrada da grota. Forçou os quadris para descobrir que eram largos demais para passar pelo vão. Tentou virar-se e não conseguiu. Forçou para baixo, mas descobriu que estava entalado naquele buraco. O fogo começou a

crepitar na montanha de palha seca que havia bem abaixo dos seus pés. A adrenalina trouxe gosto de sal à sua boca.

— Corre aqui seus meninos, tô enganchado! Tem fogo aqui embaixo!

Mas o barulho do incêndio não deixava os rapazes ouvir os gritos desesperados do caçador! Raimundo passou correndo por eles chamando-os. Mas logo ouviram gritos horríveis de dor e desespero. As chamas que alcançaram a boca da rachadura onde Augusto se metera, subiam a mais de dez metros de altura, numa violência estrondosa. Raimundo, no zelo e coragem consanguínea ainda conseguiu segurar os braços do irmão, mas quando tentou puxá-lo, a pele desgrudou dos músculos e pregou em suas mãos.

Viu os olhos esbugalhados de pavor do Augusto. Abandonou o salvamento puxado à força pelos rapazes de seu Mané. Dizem que o grito de Augusto foi ouvido em todas as casas do povoado São Mateus, distante dali seis quilômetros.

— Tem jeito não, seu Raimundo! Vamos simbora daqui!

Fugiram às carreiras pegando a estrada na direção do Riacho do Castelo para escapar do

incêndio que agora estava totalmente fora de controle. Aquele fogo ainda ia fazer muito estrago.

Depois de se alastrar por muitos quilômetros o fogo só deu trégua lá para a meia noite. Pela manhã um ajuntamento se dirigiu ao local da tragédia para resgatar o corpo do Augusto Cagaita. Seu Mané Chiquinha, muito contristado acompanhava a campanha de resgate. Porém, por mais que procurassem, não encontraram nem sinal do corpo. Saíram a procurar uma pista, um rastro... nada! Nenhum vestígio, o menor que fosse foi encontrado.

Esse mistério, atrelado ao grito aterrador que se ouvira em toda a região, quando o fogo consumia o Augusto, fez com que o lugar ficasse conhecido desde então como Grotão do Inferno e adquirisse fama de mal-assombrado. De fato, desde então, nenhum vaqueiro passava por perto daquele lugar. Quando um boi descambava pra lá, o vaqueiro que tinha juízo largava de mão, isto até ao dia de hoje!

A história do Augusto Cagaita entrou para o mundo das lendas e todas as pessoas sabiam contar a história de um prisma diferente. Seus restos mortais jamais foram encontrados, mas a família cravou uma cruz bem no pé do buraco onde ele perdera a vida.

CAPÍTULO 1

Vinte anos depois...

O ano era 1964, mês de fevereiro. Riscando a estrada numa marcha frouxa, de vez em quando acelerando quando a estrada não oferecia riscos de acidente, as duas montarias e as mulas de carga se mostravam a olhos vistos, cansadas. Seu João Avelar sentia-se orgulhoso pelo serviço extra que vinha prestando a Dona Chiquinha Maniçobeira desde duas semanas atrás. Tinha partido de São Mateus rumo a Jerumenha, distante setenta e seis quilômetros para ali encontrar a mulher que agora lhe acompanhava naquela longa viagem.

Dona Chiquinha tinha prometido que lhe daria um prêmio pra lá de especial após o serviço. Seu João era homem de uns sessenta anos, dos quais, dois terços deles passados sobre o lombo de um cavalo tocando boiada. Não tinha mais a destreza de derrubar um boi no meio da chapada, mas gostaria de ainda poder fazê-lo.

Não tinha havido ainda um domador de cavalos mais requisitado do que ele tinha sido em outros tempos. Os Belo que o digam. Eles contratavam o

velho João a peso de ouro. Após a doma, sempre acrescentava um trote especial ao animal. Podia ser a esquipa, a marcha ou o galope manso, o freguês era quem escolhia. Os Belo, seus melhores fregueses, costumavam lhe entregar de seis a dez animais para a doma de dois em dois anos. O velho deixava os cavalos e burros mansos e dóceis, ou brabos e agitados, dependendo do gosto do cliente. Mas esse tempo já ficara pra trás, não voltaria mais. Quando a idade chegou, aquietou-se na fazenda Varjota a cuidar de vacas paridas que se toca até a pé para o curral.

Ele trazia ainda sobre a cabeça seu chapéu de couro, companheiro inseparável na labuta de vaqueiro, tão surrado que o marrom da pele de boi já estava preto. Vestia uma calça de brim surrada, cujas bainhas repousavam sobre o metal das esporas de metal dourado. Suas mãos calejadas guardavam as marcas indeléveis de uma vida dura acima da capacidade de suportar de muita gente.

A vida dificultosa lhe custara todos os dentes, cujos lábios desprovidos de arrimo precipitaram-se para dentro apoiados na gengiva descalça. Cobria essa feiura com um bigodão, cujos pelos eram avermelhados de nicotina.

Que ele se lembrasse, o último dente que foi embora grudado no alicate comum com cheiro de ferrugem de Dona Cornélia foi o canino com o qual rasgava, puxava, furava, enfim, fazia de tudo. Mas, a peste botou pra doer como o irmão dele que já tinha ido para o telhado da casa no ano anterior. Bem que seu Chico Cardoso dizia;

— Pobre só tem dois dentes; um pra comer rapadura de dia e outro para doer a noite inteira.

Pobre ele era, não tinha como escapar, mas burro não! O único medo era de morrer de tétano pela infecção da raiz do dente, arruinada pela ferrugem do alicate da velha Cornélia. Mas, passados os quinze minutos de inferno nas mãos da velha e as vinte e quatro horas do perigo do tétano, adeus dor de dente.

Para despistar a sede trazia um pedaço de rapadura debaixo da língua, derretendo lentamente, ao passo lerdo, sereno e paciente do seu cavalo. A bem da sua vontade traria uma tora de fumo no lugar do doce, mas tinha sido constrangido a abster-se do vício em presença da linda mulher que o acompanhava desde o amanhecer. Ele havia estimado sua idade em trinta e tantos anos, entretanto a boniteza era de deixar muitas crueirinhas donzelas para trás.

Já era pingo do meio-dia e o reflexo do sol na areia branca da estrada fazia seus olhos afundarem ainda mais sob a pele enrugada. Sua companheira de jornada atendia pelo nome de Coralina, Cora para os mais próximos. Era uma bela e atraente mulher até para o velho e cansado Seu João. O vento erguia o tecido alaranjado da sua longa saia expondo as pernas grossas e queimadas do sol. Seus cabelos longos agora estavam soltos e esvoaçando ao sabor do vento, loiros de doer nos olhos.

Para surpresa de Seu João a mulher cavalgava com habilidade superior à de muitos homens que ele conhecia. Aliás, não foi apenas neste quesito que a mulher o surpreendeu. Tudo nela parecia estar acima de todas as expectativas. Tudo nela era belo, gentil, simpático... quase perfeito.

Nem mesmo a abstinência do fumo causou qualquer desconforto em Seu João, quando em presença daquela linda senhora com ares de nobreza. O velho vaqueiro, se pudesse, prolongava o percurso para estar mais um pouco perto daquele cheiro libidinoso que lhe fez relembrar os tempos da mocidade. Mas a lascívia do sexagenário era acobertada por uma reverência severa e estrita, incapaz de qualquer ato impertinente contra a tutelada de ocasião.

Coralina já estava com as pernas dormentes da longa cavalgada que fizera desde o dia anterior, mas o prazer da excursão e a beleza do itinerário superavam qualquer enfado. Seus olhos brilhavam ante os mínimos detalhes da paisagem verdejante daquele mês de março. Sabia apreciar a natureza como ninguém. Desde uma borboleta sobre a ponta de uma estaca, ao voar de uma libélula ou o zumbido ameaçador de um besouro.

Havia um sorriso incontido em seu rosto gracioso. Várias vezes fechara os olhos e respirara profunda e vagarosamente o aroma das árvores do agreste, verdejante e viçoso, símbolo máximo da vida resiliente do sertão nordestino. Uma semelhança com sua própria história cheia de recomeços pós intempéries.

Ninguém sabia direito como tudo tinha começado, nem ela mesma parecia saber. Mas pelo jeito, sair pelo mundo afora tinha sido a melhor escolha que fizera. A quem perguntava, ela respondia que era pernambucana, da cidade de Serra Talhada, "terra de cangaceiro" e para autenticar sua naturalidade mostrava a 00104ª edição do Noticiário de Pernambuco de 1952 cuja matéria de primeira página fazia alusão a carestia. Família? Se tinha ninguém o sabia, só ela.